

Como as massas lutam

NA VIA DO GOVERNO

OPERÁRIO E CAMPONEZ



Avante!



Orgão Central do Partido Comunista - S. P. I. C. -

Castro (Alentejo)

Os camponeses pobres e operários agrícolas negam-se a pagar contribuições. Organizam manifestações de protesto.

As autoridades enviaram a Guarda Republicana ao seu encontro, mas esta foi desarmada no decorrer da luta e, aos gritos de viva o Partido Comunista, levava o comunismo, prosseguem manifestando-se.

Amareloja (Alentejo)

As lutas dos camponeses, contra o salazarismo e pela posse da terra, têm-se desenvolvido cada vez mais.

Alguns milhares de explorados exigiram trabalho ao Administrador, que lhes prometeu começar obras no dia seguinte.

Como não cumprisse o prometido, organizaram-se poderosas que conquistaram o primeiro de primeira necessidade e forçaram as autoridades a ceder.

Vila Real de

Santo Antonio

No dia primeiro de maio várias centenas de operários e trabalhadores rurais manifestaram-se agitando as palavras de ordem centrais do Partido e as suas reivindicações locais.

Foram colocados cartazes distribuídos manifestos e colocadas bandeiras vermelhas com a foice e o martelo.

Organizou-se uma manifestação que se dirigiu à Administração do Concelho a protestar contra a fome e a exigir trabalho.

O Administrador, Matias Sanchez, industrial, respondeu desdenhando um terror formidável contra os trabalhadores.

Lisboa

No domingo 27 do p.p., sob a direção do Partido, organizou-se uma manifestação de protesto contra o terror branco e contra a polícia.

Os camaradas, em número de 800, dirigiram-se ao Cemitério da Ajuda, à campa do camarada Américo Gomes, onde colocaram um martelo como símbolo de solidariedade

Contra a Ditadura Salazarista, pelo Governo Operário e Camponês! Amnistia Geral aos presos políticos e sociais!

Defendei os militantes revolucionários das arremetidas da polícia, da morte, e das masmorras da Ditadura!

Comitês de Fábrica, Comitês de Camponeses Comitês de Luta contra o fascismo e a guerra imperialista!

Que ha de novo ?

A revolução portuguesa encontra-se mesmo à beira de uma nova encruzilhada. A ideia do fascismo totalitário chocou-se, a cada passo, com as contradições que estrangulam a economia nacional e dividem as classes sociais. Todas as medidas de renovação social, têm encontrado pela frente a resistência, ora legal, ora aberta, das massas e não só do campo proletário e semi-proletário. Se apesar de tudo, não são postas em prática, isto não quer dizer que a rebelião não vá invadindo camadas cada vez mais numerosas e que o «Estado Novo» não seja o fogueteiro que atea a perdição do capitalismo.

A sustentação relativa da ditadura salazarista está tremendo, diavelmente ligada ao problema de manter o monopólio da paz entre as classes. Salazar passou de ditador sábio e refugiado da turba, a chefe de polícia, que só consegue manter o lugar com a conlusão de dar provas de iniciativa todos os dias.

A «proscição» operária e camponesa, ainda vai a sair do adro, mas as baratinhas tornam-se facilmente as proporções de «montanha», nos olhares dos grandes capitalistas e lavradores.

Por derraz do «baleão» dos negócios políticos da burguesia procede-se, afanosamente, a novas formações. A «ordem» que o Salazar perde é, ao mes-

mo tempo, a «ordem» que os outros querem salvar por meio de outras «rejeções» de sóros.

O proletariado passa hoje mais na balança política. Os caixeiros políticos do capitalismo adoptam, mais, as frezes de esquerda...

Preparam-se novos «golpes de Estado».

Que fazer ?

Ou a questão é resolvida em família, em benefício de qualquer das lutas dos camponeses políticos da burguesia, mas põe incomparavelmente a clero a podridão que já mina o capitalismo, e isso nos dá margem a impulsionar muito mais velozmente a conquista da maioria dos explorados das cidades e do campo, o terreno revolucionário do combate pelo Governo Operário e Camponês, à base das lutas parciais pelas reivindicações imediatas;

Ou a questão põe o problema do recro à acção revolucionária e nós lutaremos por levar as massas a realizarem, por conta própria, as suas reivindicações fundamentais, económicas, políticas e sociais, por meio de manifestações, greves, da greve geral combinada com acções militares e da insurreição, consolidada económica, política e militarmente, pelos comitês de fábrica e de camponeses, pela frente revolucionária anti-fascista e pelos conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros — para a defesa das conquistas revolucionárias.

A confissão dos latifundistas e letrados, das grandes propri-

edades arrendadas, dos bens do clero e do património rural do Estado, do gado e dos instrumentos agrícolas dos grandes lavradores, e sua entrega aos camponeses pobres e trabalhadores rurais, para que cultivem a terra, individualmente ou coletivamente, como entendam, a avaliação de todas as vidas e dos impostos sobre a pequena propriedade; a supressão de todos os impostos de trabalho e de consumo, sobre as massas rurais pobres; a jornada de sete horas e salário compatível com o custo de vida, a mais larga protecção à mulher e ao jovem trabalhador; o socorro no desemprego, na doença, na invalidez e na velhice, sem descontos nos salários, a todos os trabalhadores; o pão, o alojamento e vestuário concedidos gratuitamente aos estomacados; redução de dois terços nos impostos e contribuições dos pequenos produtores do comércio e indústria; liberdade de venda para os vendedores ambulantes, sem sujeição a impostos; o ensino obrigatório e gratuito, pelo sistema da Escola Única de Trabalho; assistência médica, cirúrgica e de maternidade, gratuitas, para todos os proletários e camponeses pobres; salário operário para os soldados e marinheiros e a concessão de direitos políticos e sociais a estes camaradas; liberdade de reunião da imprensa proletária e camponesa e de greve; os direitos políticos e sociais para todos os indivíduos a partir dos dezoito anos; auto-determinação dos povos coloniais e insulares, submetidos ao imperialismo português... Tais serão as palavras de ordem que constituíam o fundo do nosso programa de luta.

Ver no próximo número

Projeto programa do Governo

Operário e Camponês



pelo partido

RESOLUÇÃO

DO SECRETARIADO

O Secretariado do Partido, constatando que de vários pontos são levantadas atoardas acerca da pessoa de um dos seus componentes — reintera a confiança a este camarada.

Mas ante a consciência leninista de que a presente viragem do Partido para o campo da agitação e da organização muito mais larga das lutas de massas, é impraticável, sem o mais perfeito aprumo revolucionário das nossas fileiras — tor na público a toda a base partidária, ao movimento proletário e camponês e às próprias massas sem partido, que proclama aberta a mais larga crítica e auto-crítica na totalidade dos seus quadros e abre um inquérito sobre o camarada ou camaradas a quem são feitas acusações e sobre a origem dessas acusações, por meio de uma comissão com poderes de controle, a recomendar, com a maior largueza de democracia possível, no conjunto dos seus efectivos. Esta comissão adotará os meios que julgar convenientes, para o cabal desempenho da sua tarefa, e dará conta pública das suas conclusões, dentro do prazo máximo de sessenta dias, a contar da data da sua constituição.

O SECRETARIADO

Do Comité Regional de Lisboa

Resolução

A Polícia e os falsos revolucionários (elementos anarquistas e do grupo «Luta de Classes») espalham, com o fim evidente de desagregar o nosso Partido, que um camarada do Secretariado do Comité Central é um provocador ao serviço da polícia.

Este Comité reitera toda a confiança a este elemento, um dos camaradas mais activos e dedicados á causa do proletariado.

provocadores no movimento revolucionário

Conforme vamos recebendo, concretamente, os dados necessários, vamos publicando, para conhecimento dos trabalhadores, uma lista de provocadores e agentes ao serviço da polícia.

Hoje cabe a vez de figurar

Ao que vem a criação das "casas do povo"

Os ultimos trez anos de crise geral e de aceleração da crise agrícola portuguesa introduziram uma extensão muito maior á frente revolucionária dos operários e dos camponeses pobres e trabalhadores. As viagens ministeriais aos centros rurais do país não passavam de embaixadas dos agentes supremos do Governo aos grandes lavradores, sem que a conquista das largas massas da lavoura, para o fascismo, fosse conseguida. O poder político da Igreja, na manutenção da subserviência das massas pobres dos campos aos grandes ricos abalara-se profundamente. Daí o decreto-lei 28 631, como tática fascista de quebrar a aliança operário-camponesa, em plena formação no país.

E grande o reclame fascista e demagógico acerca das «casas do povo».

O que é que as «casas do povo» são efectivamente para os camponeses pobres?

O Governo chama grande providencia social ao mutualismo arrancado ao poder das cotizações dos sócios efectivos, isto é, dos camponeses pobres e trabalhadores rurais. Este mutualismo, mesmo assim, fica sujeito á fiscalização do Estado. *A luta contra a tuberculose* — isto é, contra uma enfermidade fundamentalmente provocada pela fome e pela miséria, será feita «por meio de todos os recursos de propaganda, ao alcance das casas do povo, submetidas ás normas ditadas pelos organismos superiores» (III).

Progressos locais (abertura e conservação de caminhos e

outras vias de comunicação, águas, esgotos, etc) serão feitos «mediante a atribuição das verbas dos fundos das casas do povo e prestações de trabalho dos sócios efectivos» — isto é, principalmente pelo processo de «fachinas», quer dizer, dos impostos de trabalho lançados sobre os camponeses pobres e trabalhadores rurais.

Para fecho, as «casas do povo» só podem ser formadas a pedido dos apañiguados do fascismo ou de qualquer autoridade administrativa. A assembleia geral, isto é o poder dirigente magno, só pode ser presidida por algum dos sócios protetores, isto é, um dos grandes ricos da freguesia seguiu a reza o art.º 20.º.

As «casas do povo» salarizadas não passam de centros de luta pela criação de um exército de escravos entre as massas rurais exploradas — de centro de conquista das populações pobres da lavoura á política de guerra dos capitalistas e dos grandes lavradores — de busca de reservas para o esmagamento armado da luta de classes do proletariado e dos próprios camponeses pobres e trabalhadores rurais.

E por isso que o artigo 12.º prescreve: «Tanto a instrução como a educação moral, intellectual, ou física, a ministrará aos sócios das casas do povo, devem ter por objectivo a formação caracteres fortes, de trabalhadores activos e cidadãos inteiramente votados ao serviço da pátria» — ou melhor: inteiramente votados á defesa das terras e dos cofres fortes dos grandes lavradores e capitalistas.

Um AUTO DE FÉ na Manutenção Militar

Ha dias um chauffeur irrompeu furibundo a apresentar ao «senhor tenente» uma saca vazia. A questão era grave: Um combo com a palavra «Odesia» e uma foice e martelo demonstravam a origem da saca: União Soviética.

nela a:

José Grazina, foguetista. Trabalha no Depósito de Cempolide (C.P.). Baixo, magro, e rosto moreno e miúdo. Não esteve organizado ao Partido, mas afirma-se comunista. Morou na Calçada do Teixeira, a Chelas. Não nós foi possível averiguar a sua actual residência.

É bom notar que se tratava de uma saca vinda com trigo importado de Inglaterra. Esta, com efeito, importa-o da União Soviética, exporta-o para Portugal e por isso nós não permite relações comerciais com os soviéticos. De contrário comeriam o trigo mais barato, o que não á «nossa velha aliada».

Reuniu um conselho de oficiais para julgar o caso.

E por fim decidiu-se queimar a saca — é necessário exterminar o «perigo comunista» numa fabrica militar e da importância daquela.

E o fogo purificador tranquillizou os modernos Torquemadas...

Os camaradas presos

CONTAM-NOS OS SEUS MARTÍRIOS

Após os espancamentos sádicos na Polícia de Informação estamos a contos, no Presídio da Trafaria, num regime verdadeiramente infame. Logo nos primeiros dias nos encontramos com um rancho péssimo e resolvemos reclamar.

Resposta do Oficial de Dia: — Os senhores quando entraram no movimento, era ou não para se sugerearem as consequências? Se quiserem eu faço seguir a reclamação e o resultado será serem de novo entregues á Polícia de Informação, onde já sabem o que os espera....

Passados dias um camarada queixou-se ao Cabo de serviço contra o estado do seu rancho que, ao contrario dos outros, nem a mais leve sombra de tempero tinha. Sem mais explicações o nosso camarada foi levado ao Oficial de Dia que o ameaçou de o fazer entregar á Polícia de Informação para apañhar uma sova e o transferir seguidamente para uma cela onde ficou isolado.

Outro caso: Quando procediam á contagem da manhã um nosso camarada respondeu: «Aqui não falta ninguem; somos treze». O sargento enfureceu-se com a resposta e chamou besta ao nosso camarada. Este retorquiu a frase. Foi metido no aparlatório, que é um cubículo onde se vê tanto de dia como de noite, e onde uma pessoa deitada não pode caber. E mesmo não o pode fazer porque previamente despejam para lá dois ou trez baldes de água!

As celas onde nos encontramos foram feitas para um homem. Pois encontramos-nos por cá aos trez, dormindo em enxergas horribles. Numa destas permanece um camarada da sessenta anos e *tuberculoso* a quem se não permite a entrada no hospital!

A ordem é matar, nas masmorras do salazarismo.

Que dizeis, trabalhadores, a respeito dos *safanões* de que fala Salazar?

Vêde o tratamento que é dado á carne da vossa carne, por decreto salazarista!

Associai-vos a luta por um regimen politico para os presos e pela amnistia!

Os presos da Trifaria



O Partido Comunista e o confuzionismo do grupo "A Luta de classes"

I

O ambiente nacional jamais foi tão rico de variantes e de experiência. O movimento proletário desenrola-se desigualmente. E, no campo político da oposição ao 28 de Maio, assistimos a um revolucionarismo, ora capaz de derrubar, numa hora, uma colmeia de moinhos de vento, ora mergulhada na mais profunda castração. «A Verdade» reviraltista declarou, há cerca de oito meses, que estava para a semana a morte do império dos salazares. A C.G.T. decretou uma «greve geral revolucionária». No próprio Partido houve quem entendesse que o 18 de Janeiro era já o reviraltismo. Outros, do campo sindical autónomo, disseram: «O proletariado lavrou a sua sentença; nós vamos executá-la... Passados dias, a maioria desses mesmos, comentavam amargamente: «Eles estão fortes como tigres; contra isso batatas...»

Os extremos tocam-se, a par e passo, no idealismo pequeno burguês.

A contra-revolução, por seu lado, refina-se dia a dia. Há tempos descobrimos o grupo «Os Vesmelhos», formado pela polícia, para agir provocatoriamente no seio do Partido. Nas vésperas do 18 de Janeiro surgiu o grupo «Udarniks». A Polícia de Informações editou manifestos em nosso nome. O Governo esteve para dar à A.E.V. a foice e o martelo, como emblema. Os «nacional-sindicalistas» desfilarão, em Braga, com bandeiras vermelhas. A difamação dos nossos militantes constitui, também, um dos processos de actuação da polícia e dos dirigentes da C.G.T.

Lenine ensinou-nos que a revolução amadurece quando «em cima» já não se pode governar com os métodos antigos e, quando a hesitação é maior entre os falsos amigos e os amigos indecisos. O grupo «Luta de classes» representa um caso, em que os amigos indecisos, em vez de se guiarem pelo proletariado, querem guiar o proletariado, sobre o caminho das suas próprias indecisões.

II

O grupo «Luta de classes» deu à luz um jornal «simpatizante» da U.R.S.S., onde se fala de «república comunista», mas, onde se faz de conta que tudo derriu, entre nós — se afirma que ele será a estrela altíssima que levará os trabalhadores à vitória e se proclama, sobranceiramente: «Se ela (a reacção capitalista) tem conseguido reerguer-se, é porque a massa tem faltado à preparação necessária, para aniquilar, de vez, a classe inimiga».

Primeira interrogação: Os «ultra-comunistas» são capazes de explicar-nos, quando é que, em Portugal, amadureceram as condições da insurreição proletária, e que o proletariado as tivesse deixado perder «por falta de preparação necessária»?

Vejamos, entretanto, o ponto de partida do grupo «Luta de Classes»:

Tese fundamental—(copiamo-la do artigo «A situação do proletariado português»): Com as últimas medidas fascistas deu-se «a paralisação das lutas dos trabalhadores, no terreno económico e político-social e o enfraquecimento pela miséria e o esgotamento de forças».

III

Ao contrário do que pensa o grupo «Luta de Classes», as últimas medidas do fascismo e o 18 de Janeiro serviram de ponto de partida para o revigoramento da luta de classes, caracterizado pela quebra do nosso tradicional lusitanismo. Um mês após o 18 de Janeiro, 4.000 trabalhadores se manifestaram, durante todo um dia, em Setúbal. Os trabalhadores rurais dum aldeia do Alentejo manifestaram-se, igualmente, em massa, pelo pão e pelo trabalho, cinco dias depois de o grupo «Luta de Classes» ter profetizado a «paralisação da luta no terreno económico e político-social» (III).

O 18 de Janeiro teve muitos lados fracos? Teve-os. Mas ainda foi decisivo em Silves, Almada e arredores e Marinhã Grande. Houve inesperienza no 18 de Janeiro? As massas e as próprias vanguardas jamais foram capazes de traçar o seu caminho, senão no caminho da luta e da experiência que recolhem ao cabo de cada luta.

Onde estavam e que tese defenderam os chefes do grupo «Luta de Classes»?

É verdade que o fascismo totalitário abriu, em Portugal, uma perspectiva italiana? Pelo contrário. O 18 de Janeiro quebrou a ditadura o melhor contrapós da sua própria estabilização relativa: machadou as ilusões reviraltistas e anarquistas, existentes em largos sectores do proletariado. A-

nunciou a aproximação da crise revolucionária e a passagem do nosso Partido à maior idade política e colocou a revolução no lugar de problema que hade edificar-se na luta diária e concreta das massas e na participação mais numérica destas últimas — o que quer dizer que as massas vão contar melhos com a possibilidade do fazerem do crepúsculo da ditadura a aurora do seu dia.

IV

Afirmando que a realidade é caracterizada pela «paralisação da luta no terreno económico e político-social», em que é que o grupo «Luta de Classes» vai apoiar-se para lutar efectivamente contra o fascismo, a guerra e defender a U.R.S.S.? Nos cozinheiros com os chefes reviraltistas? A experiência já nos disse que, se as massas não vêm, os reviraltistas não podem; se as massas vêm, os reviraltistas metem-se em casa, ou saem precipitadamente, para transformar a revolução em «golpe de Estado».

Outra pergunta: Se a repressão é suficiente ao capitalismo, para «paralisar a luta de classes», onde ireis arranjar, hoje ou amanhã, a abertura ao caminho da revolução?

O grupo «Luta de Classes» apenas veio reflectir o ponto de vista político das categorias pavorrentas da pequena burguezia e de umas elites proletárias acomodadas. As suas teorias enfraquecem o revolucionarismo das massas, quando a nossa tarefa é estimulá-lo. Prácticamente, auxiliam a ditadura salazarista: A A.E.V. meteu um grão de areia entre trez rodas dentadas, para dar ao respeitável publico a imagem de que «hade ser» capaz de «paralisar a luta de classes». Os dirigentes do grupo «Luta de Classes» dizem agora ao respeitável publico que o grão de areia «já» paralisou a luta de classes...

V

A Liga Anti-Fascista é, segundo as suas próprias proclamações públicas, o órgão, por excelência da «união dos trabalhadores do braço e do cérebro» para a luta geral contra o salazarismo, assim como ao Partido Comunista cabe a tarefa de transformar revolucionariamente a ditadura salazarista e o capitalismo, em Governo Operário e Camponês, dos Conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros, sob a base da luta das largas massas pelas suas reivindicações fundamentais.

Porque nem todos os que lutam contra a ditadura, lutam pela emancipação dos trabalhadores.

Os que sinceramente lutam contra o fascismo e a guerra, pela defesa da U.R.S.S. e pela vitória final dos trabalhadores, têm à sua frente uma série de organizações que lhe abrem as portas.

O grupo «Luta de Classes» propõe-se, na realidade, formar um novo partido de corrente trotskista; dispersa as forças do proletariado e dos camponeses, em vez de favorecer-lhe a frente única sob a base da luta por um partido revolucionário unido de métodos, tática e estratégia.

O Partido Comunista chama para esta decaração a atenção dos elementos honestos do grupo referido e põe em guarda o proletariado e os camponeses, contra as confusões criadas no seu seio pelo aparecimento deste grupo e do seu jornal.

Tanto mais que aperecem membros dirigentes desse grupo que se dizem simultaneamente membros do nosso Partido. É um processo de pescar nas águas turvas. O partido é incompatível com a existência de grupos no seu seio — e, sobre o rumo de Lenine, Staline e da Internacional Comunista, saberá construir e manter a sua unidade proletária.

Lisboa, maio de 1934

O Secretariado do C.C.E.

Declaração

Segundo as últimas informações que nos chegam, a respeito dos componentes do grupo «Luta de Classes», no numero dos seus inspiradores dirigentes encontra-se o Secretário Geral do Partido deposto em abril de 1929, condenado pela I.C. por ter passado ao campo social-fascista e que ficou em sua posse, abuzivamente, com cerca de dez mil escudos, do P.C. e do C.P.I.S.V., dos quais não fez entrega, apesar de solicitado pelos organismos internacionais. Desde 1929 não corrigiu a sua linha de traição ao movimento operário revolucionário. «A Luta de Classes» reflecte o ponto de vista deste militante renegado, segundo o qual «enquanto houver ditadura não pode haver luta de classes»!



Auto-crítica dos nossos erros e progressos

Ha os que dizem que as *críticas devem ficar para depois*. Nós temos da ilegalidade de uma noção bolchevista. A volta ao quartel dev ser aproveitada para o exame ao estado das nossas forças, em vistas da preparação e do êxito de novas batalhas. Precisamos de ser, não em palavras, mas de facto, a vanguarda da revolução. O problema é para hoje. E preciso ganhar ao Partido o que ha de mais sã, de mais abnegado, — o movimento revolucionário operário e camponez. Processo: Dar a público o que fismos e o que pensamos e expurgar o partido de todos os vícios onde quer que eles se encontrem.

Esta secção destina-se à própria participação das massas do Partido e sem partido.

Assunto de hoje: Erros e progressos essenciais, relacionados com o 18 de Janeiro.

O nosso principal erro, e de natureza dirigente, foi o de termos definido, bem claramente, a nossa concepção de frente unica. Com isto demos ás massas a impressão de que elas podiam confiar na acção dos grupos, deixando-se ficar no logar de espectadoras. Em vez da frente unica de acção das próprias massas deixamos dar maior vulto ás discussões sobre «entendimentos». Deste erro resultou que os anarquistas do nosso próprio seio deram, tambem, ás massas a impressão de que estava feito um entendimento entre chefes republicanos, anarco-sindicalistas e comunistas. Isto era falso. E o Governo foi o primeiro a utilisar-se deste desvio, para proclamar depois: «Todos estavam unidos e nós derrotamo-los. Já é ter força».

Segundo erro: O queremos alguns sectores do nosso próprio partido arrancar a paralisação por meio, exclusivamente, da sabotagem e do *pretexto da força* que se fornece ás massas, para se justificar a falta ao trabalho. Deu isto em resultado: Confiar-se demasiadamente, em Lisboa, da paralisação da Carris, ou fazer depender dela a paralisação geral; no logar de agitação sistemática para trazer os trabalhadores á rua, deu-se a corrida para o caminho imediatamente militar estratégico.

No logar da organização da defesa das massas, quiz-se fazer a paralisação, por meio da resistência que se applica sobre as mesmas massas. Ao mesmo tempo que os trabalhadores das officinas gerais da C.P. estiveram vacilantes mais de dez minutos, além da hora regular de tirar a chapa; que no Terreiro do Trigo e Alcantara se aglomeravam alguns

milhares de trabalhadores; que os trabalhadores, em geral, de Lisboa, desconheciam a data da greve — os elementos revolucionários encontravam-se no terreno estratégico da terra de ninguém. Estes camaradas, cheios de iluzões sobre o valor da valentia individual, tiveram occasião de ver o *valor dessa valentia*, quando age isoladamente.

Progressos: Nós definimos, em manifestos, palavras de ordem que condiziam com a situação «greves e manifestações de massas [e] lutamos contra o terrorismo a o aventureirismo politico. A questão de Santa Iria fora nos apresentada com antecedência. Rechicamo-la. Não somos contra a sabotagem quando ella se realisa como acção de massas. Somos contra ella, quando ella surge como puro terrorismo. Foi nos garantido que se tratava de um comboio de mercadorias e que não haveria desastres pessoais, porque, antes do descarrilamento, far-se-hia parar o comboio e apagar o pessoal. Tratava-se simplesmente de engorgitar a linha. Só assim concordámos. O caso correu doutro modo; um membro do Partido teve responsabilidade nisso. Expulsamo-lo. Houve um outro militante que quiz servir-se do Partido e do 18 de Janeiro para fazer freigs aos revirralistas. Expulsamo-lo. Para a Anadia e Coimbra demos oportunamente instruções, rechagando a anarquizada em projeto. Esses elementos *acuzaram-nos de estarmos fora da*

linha do partido. Já condemnamos publicamente a acção naquelles pontos. A nossa própria organização da marinha e do exercito manifestou tendências a «tomar a nuvem por Junco». Esforçamo-nos e conseguimos evitar uma precipitação. As massas não estavam na rua. Não tinha chegado, ainda, o momento de insurreição. Nós tinhamos afirmado, no nosso manifesto, que a frente proletária *traduziria as suas proprias palavras por actos*. Rechagamos a acção de grupos. Silves e Almada e arredores representaram um caso de completo trunfo das massas pelo processo da frente unica, e, ela baze, como fora preconizada pela linha do nosso partido. A acção foi aí decisiva. A Marinha Grande representa um outro caso e acção profundamente revolucionária das massas quando guiadas pelo leninismo. Na Marinha Grande o movimento foi *totalmente* comunista e educador para as largas massas do nosso proletariado e camponezes pobres. Estas acções positivas do 18 de Janeiro deram um extraordinarío revigoramento á luta no mez seguinte, em Setubal, e, ha poucos dias, no Alentejo. Deu, o 18 de Janeiro e as acções que vêm de ser empreendidas sob a sua influencia, *crearam um novo ciclo na luta de classes, caracterisado já pela passagem das batalhas proletarias e camponesas a batalhas parcialmente trionfantes*.

Os comunistas e o movimento sindical

I

«O sindicato é a escola prática do comunismo» — dizia Lenine. «Os sindicatos são a verdadeira organização de classe do proletariado, onde e é luta, diariamente com o capitalismo, e são, para os operários, uma verdadeira escola que na da hoje poderá «estrangular», sem ainda e repressão mais violenta» — afirmava Engels em 1876, numa carta Babel.

A I.C. tem adotado bastantes resoluções chamando a atenção dos comunistas para o trabalho nos sindicatos. Lenine demonstra, em «Doenças Infantis do Comunismo», os perigos tremendo do desinteresse dos comunistas, pelo trabalho nos sindicatos, provando que não pode ser um bom comunista aquele que, sendo operário, não desenvolve uma boa actividade no sindicato.

Ninguém, como Lenine, cobrou com mais vigor, sobre

duas frentes, o «economismo». E precisamente por isso conduzia uma campanha implacavel contra a tendência, muito accentuada na Europa central, de deixar os sindicatos aos «economistas», concentrando unicamente a nossa acção no Partido, no «politico», e continuando com certo desdém o trabalho sindical. A isto, que não é na realidade senão o «economismo» volto do avesso, chamava Lenine «avidez comunista».

Com effeito se o Partido é o destacamento de vanguarda da classe operária, os sindicatos são o «grosso organizado» da classe. Descurar o trabalho nos sindicatos é promover o isolamento entre a vanguarda e o grosso da classe; é cair no pantano anarquizante, pequeno burguez, da vanguarda desligada das massas, do grupo de herois que libertará a Hu-

manidade; é favorecer a castro-tração «economista».

Se tudo isto tem uma grande importância para os paizes da Europa central, onde se manifestou mais bastas vezes o aparecimento do Partido primeiro que os sindicatos, reveste uma exceccional importância para nós, nos paizes latinos onde, por via de regra, os sindicatos appareceram primeiro que o partido, onde grande parte da tradição das lutas operárias está ligada aos sindicatos. Aqui onde, mais de que noutros lados, as massas estão ligadas por indomáveis fios aos sindicatos, o desinteresse dos comunistas pelo trabalho sindical é um erro imperdoavel; é desprezar uma das mais fundamentais tarefas do Partido; é estar contra os interesses fundamentais da revolução.

(Continua na pagina 5)

CAMARADAS !

Para que AVANTE ! viva, aumente a tiragem, o número de páginas e passe a sair quinzenalmente, é necessário que todos os trabalhadores nos ajudem.

Difundi-o; creai grupos de AMIGOS DO AVANTE !

Cada membro do Partido deve criar, pelo menos, um grupo; deve arranjar o maior numero possível de assinantes.

Apezar da repressão policial não é difficil arranjar assinantes. Cada assinante receberá selos do Partido, com a sobre-taxa AVANTE !, no valor do numero de exemplares que assinou. Como está em contacto com a camarada a quem fez a assinatura, receberá deste, o jornal, á medida que se for publicando.

Os assinantes, bem como os camaradas que nos enviarem donativos, devem usar um pseudónimo para que possamos publicá-lo juntamente com a quantia recebida; assim ser-lhes-ha facil controlar a entrega ao nosso jornal.

AQUI NÃO ENTRA O L.A.

PIS AZUL DA CENSURA !



os comunistas

E O MOVIMENTO

SINDICAL

(Continuação da página 4)

Se isto assim é, em geral, que devemos dizer no período presente, em que todo o movimento sindical revolucionário se encontra reduzido à ilegalidade; em que a ditadura salazarista, compreendendo o que muitos comunistas não conseguiram ainda compreender, procura organizar os seus próprios sindicatos ?

Ora bem; têm os membros do Partido cumprido o seu dever, face a esta gravíssima situação ?

Devemos confessar que não, especialmente nos últimos dois anos. No período de 1929/32 a actividade dos comunistas nos sindicatos foi realmente importante. A isto se deve, em grande parte, o progresso e sucesso da luta contra o anarquismo-sindicalismo, até então quase senhor incontestado da direcção dos sindicatos. Porém, esta actividade afrouxou, de 1932 para cá, a pontos ! e que, presentemente, quando a atenção dos comunistas mais se devia concentrar nos sindicatos, verificamos que mais de 80 % dos membros do Partido não só não desenvolvem actividade nos sindicatos como nem sequer são membros dos sindicatos ! Mais grave ainda: 80 % dos nossos comitês não têm responsáveis sindicais ! Aqui mesmo, em Lisboa, encontramos casos como estes: Na Carris o sindicato vermelho está organizado e funciona regularmente. Pois a maioria dos membros do Partido não só não desenvolvem actividade no sindicato como nem sequer são sindicados ! Na C.P. ha um numero grupo de membros do Partido. É preciso organizar, ali, a secção de empresa, do Sindicato Unitário da Industria Ferroviária. Pois até agora não houve maneira de levar estes camaradas a lançar-se neste trabalho absolutamente indispensavel ! Ha cerca de sessenta a setenta operários da construção civil, membros do Partido. É preciso organizar o sindicato vermelho e a O.S.R. Pois, apesar dos esforços do Comité Regional, não se tem avançado um passo neste sentido !

É no entanto o movimento sindical vermelho revigora-se, reorganiza-se, procura fazer face à situação, luta em duas frentes pela conquista das massas.

Sabem os camaradas comunistas o que isto quer dizer ? Pois que dizer esta coisa gravissima: que quasi todo este trabalho se está, realisando

Explorados e oprimidos !

Trabalhadores manuaes e intelectuaes de todas as tendencias !

mães, esposas e irmãs dos presos e perseguidos !

Associai-vos ao nosso brado de revolta !

Quantos horrores já ouvistei relatar sobre a famgerada policia politica ?

Que espanca, que tortura, que, á custa de violências de toda a ordem, arranca confissões de participação em revoltas contra a ditadura ?

Isso apesar de negado e disfarçado pela classificação de SIMPLES SAFANÕES e que, algumas vezes, vos tem revoltado, fica muito aquém da realidade

Na policia politica tortura-se até á morte, existindo em todos os calabouços sinais das tragédias: MANCHAS DE SANGUE SALPICANDO AS PAREDES E LARIMBRAS; E DO SEGREDO DA SINISTRA — ADEIA DO ALJUBE SAÍU — AGORA MAIS UM CADAVER: O do militante sindical ferroviário Manoel Vieira Tomé !

Gótejava sangue ! Espancado, torturado, amachucado, feito um farrapo, na casa infernal da Rua 16 de Outubro, foi conduzido para o «segredo» da Cadeia do Aljube já moribundo para que ninguém assistisse aos seus últimos estertores !

Assim aumenta diariamente o negro rol das vítimas da luta de classes !

A calúnia, á prisão, á deportação, ao soborno, succede o ASSASSINIO !

Só nos últimos tempos podemos contar :

a margem da actividade do grosso dos membros do Partido; que, a este respeito, nós a vanguarda, marchamos á retaguarda das massas !

Temos que lutar implacavelmente contra este estado de coisas ! E preciso, não um artigo mas toda uma campanha, leia dia a dia, para lhe pôr termo. Precisamos levar, a todos os escalões da nossa organização a convicção de que a recusa a traqalhar no movimento sindical se torna incompativel com a qualidade de membro do Partido; de que toda a célula e comitê do Partido que não tem responsáveis sindicais e não organiza, no seu sector, o trabalho sindical, está longe de se dar conta das responsabilidades do Partido no período presente.

Continuaremos.

Quatro mortos ! Cinco loucos ! Dextenas de estropeados ! Quinhentas prisões ! Sentenças que montam a séculos !

Os tribunais de Santa Clara e da Trafaria são uma nova farça do salazarismo. Os juizes servem de simples «executores das ordens confidenciais da Policia de Intenções e do Ministério do Interior

A morte pela tortura, pelo envenenamento e pela fome, é o regimen politico das masmorras do salazarismo. Ha dias foram covardemente agredidos, á baioneta e coronhada, os operários que se encontram presos na Casa de Reclusão da Trafaria resultando feridos de tal gravidade que, para que o seu estado não possa ser conhecido, foram postos incomunicaveis com sentinela á vista

OUVI ANTI-FASCISTAS EM GERAL ! Os espancamentos, as torturas,

ras, a morte, o regimen de silêncio e de presidio comum constituem o processo terrorista do fascismo, em vistas a esmagar mais cruelmente os oprimidos das cidades e dos campos, sob o pezo da exploração capitalista e latifundiária, e de desarmar a revolução operário-campeza. Mas esse processo errará o alvo.

A nossa voz erguer-se á rebelde protestando, em plena cadeia, contra os crimes hediondos da nova inquisição, denunciando os criminosos e continuando a luta pela emancipação dos trabalhadores !

Organisai comités de luta pró-amnistia !

Prestai-nos a vossa solidariedade de classe !

Por um regimen politico para os presos politicos !

Contra os espancamentos e assassinio dos operarios presos e deportados !

ABAIXO O FASCISMO E O TERROR BRANCO !

VIVA O GOVERNO OPERÁRIO E CAMPONEZ !

Maio de 1934

A Fração Comunista dos Presos

terrorismo e comunismo

Ultimamente têm surgido «entre nós» dos que afirmam: —Sou contra o terrorismo... mas... ás vezes...

—Se estoirmossem alguns dos que torturam os nossos camaradas, na prisão...

—A morte de Salazar não seria a morte da ditadura ?!

—Oficialmente ha que condenar o terrorismo... entende-se. Mas, particularmente ?!

Estas «explosões» envolvem uma completa miopia revolucionaria.

Recordai-vos da onda saguina, da burguezia sobre o proletariado, após a explosão de uma bomba na Catedral de Sofia. E o incendio do Reichstag ? Não é verdade que só o formidavel trabalho do P.C. alemão e da I.C. e a prova mundial de que tal acto não foi nem poderia ser praticado por comunistas, cort's guirram virar contra Hitler a arma que este por urou utilizar contra os trabalhadores e o seu partido de vanguarda ? Não foi a anarquia de Co-

imbra, Anadia e Santa Iria «entre nós», no 18 de Janeiro, que forneceu ao Governo e á imprensa material precioso para a criação de uma «opinião pública» propicia á applicação do terror branco em larga escala, para os espancamentos bárbaros, para o assassinio de Manoel Tomé, etc.—sem a qual as acções da Armada Grande, de Bilves, de Almida e ardeadores, teriam sobrestado muito mais elevadamente, como cartilha de ensinamento das largas massas sobre o caminho da revolução ?

... «A morte de Salazar e a liquidação dos miseráveis que espancam»... A História portuguesa já conhece vários casos de mortes, por esse processo, dos caixeiros do capitalismo e dos seus lacaios da policia. Esse foi o caminho do 28 de maio.

A tática de usar um método «oficial» e outro «particular», de luta de classes, não serve ao Partido Comunista. É própria dos chefes anarquistas

e anarco-revolucionários. Esses é que dizem: « Os comunistas pelo comunismo libertário, em teoria. A prática aconselha-nos, porém, a ir a baila com os chefes republicanos ». « Deus fez o mundo, do caos, segundo reza a bíblia ». E os anarquistas nunca deixaram de ser bilhicos.

O terrorismo individual corre, onde as necessidades provocatórias do fascismo. O Partido Comunista, pelo contrário, denuncia os seus autores e instigadores como provocadores, ao serviço da contra-revolução e da derrota do proletariado.

Como lutar então?

Luta-se contra as arrameitadas da polícia e do fascismo, por meio de uma ligação mais estreita com as massas:

—Organizando melhor e mais largamente as lutas, pequenas e grandes, das massas e dirigindo-as de um modo doce vista;

—Tomando a cabeça das lutas espontâneas do proletariado e dos camponeses;

—Ligando as lutas de massa a defesa dos militantes revolucionários; lutando pela vitória de massa sobre os agentes do terror branco e militar;

Quando a polícia vai a uma fábrica na disposição de prender um ou mais militantes, lutando por levar as massas a empreenderem, por todos os meios ao seu alcance, uma acção decisiva;

—Levando as massas a incorporar-se num vasto movimento de solidariedade aos presos, contra os encarceramentos, e na luta larga proletária.

Se encontramos dificuldades neste caminho, isto só quer dizer que ainda não sabemos mostrar as massas a ligação que há entre um centavo que os patrões roubam aos salários dos trabalhadores e a existência dos lucros da Polícia de Informações e o próprio caixa-reiro salazarista dos capitalistas e grandes lavradores. As massas já demonstraram nas lutas contra o nacional-sindicalismo, e ultimamente em Setúbal e nas lutas com a A.E.V., que concebem a defesa.

O terrorismo individual facilita a grande tarefa contra-revolucionária do capitalismo: A separação entre a vanguarda e as massas, sobre a base da qual se enraiza o terror branco e derrota da luta de classes do proletariado e dos camponeses pobres.

Ao terror individual, o capitalismo responderá, como as damas da aristocracia, nas touradas de Espanha:

Vengan caballos...

Do estrangeiro

Estados Unidos

14 MILHÕES DE NEGROS FUTURO: COMUNISTAS

Os intelectuais negros da América aderem ao Partido Comunista.

Um grande entusiasmo se apoderou de 14 milhões de operários negros.

O Partido Comunista tem cristalizado este movimento que arrasta jornalistas, professores, editores e escritores eminentes.

E a evolução levou H. John, redactor do «Baltimore Afro-American», um dos melhores jornais negros mais espalhados na América, a começar um comício, nestes termos:

«Saúdo-vos em nome de 14 milhões de futuros comunistas. Se falo a sim é porque o meu trabalho me permite compreender o que se passa actualmente no espírito dos negros da América».

União Soviética

BALANÇO DO 1.º PLANO QUINQUENAL DA INDÚSTRIA

TRIA

De paiz agrícola a U.R.S.S. tornou-se um paiz industrial.

A produção industrial, em relação à produção agrícola, elevou-se de 48% no comício do primeiro plano quinquenal (1928), para 70% no fim do quarto e último ano deste plano (1932).

O volume da produção industrial da U.R.S.S. no fim de 1932 aumentou de 384% em relação à produção de antes da guerra e de 219% em relação a 1928.

Em 1932 a U.R.S.S. ocupava:

O primeiro lugar do mundo na fabricação de tractores.

O primeiro lugar do mundo na fabricação máquinas agrícolas.

O primeiro lugar do mundo na construção de máquinas agrícolas combinadas.

O primeiro lugar da Europa e o segundo do mundo, nas construções mecânicas.

O primeiro lugar da Europa e o segundo do mundo, na fabricação do aço.

O terceiro lugar do mundo, na produção de energia eléctrica.

O primeiro lugar da Europa e o segundo do mundo, na produção de petróleo.

O primeiro lugar do mundo, na produção de turfa.

E, finalmente, o quarto lugar do mundo, na produção de carvão e de produtos químicos.

O caminho dos desempregados

O pão, o alojamento e o vestuário para os desempregados e esfomeados, conquistados por sua própria conta, por meio das manifestações nos bairros, nos centros de camponeses e nas ruas, organizadas, tornadas sistemáticas e numéricas, sobre a base de comités de luta das próprias massas; vem sendo de há quatro anos a nossa palavra de ordem.

As massas vão-nos compreendendo. No dia 17, em Setúbal, quatro mil desempregados reclamaram «pão ou tr bulla» em face do Consórcio das Comunas. E enquanto os do Consórcio faziam ouvidos de mercador, conquistaram no armazém, por suas próprias mãos, os artigos de consumo.

No Alentejo os trabalhadores agrícolas reclamam, pacífica ou revolucionariamente, os meios de sustento da sua vida. Este é o caminho, e o caminho do internacionalismo proletário.

Dizem os jornais de Espanha:

«Pamplona, 3. — Um grupo de operários sem trabalho assaltou, há je, várias mercearias e padarias, donde levavam grande quantidade de géneros».

Lutando pela conquista directa da satisfação das suas necessidades, os desempregados devem pôr, cada vez mais, o problema de engrossar o número dos seus combatentes e de arrancar o pão e os géneros de primeira necessidade, aos grandes armazéns, capitalistas e lavradores.

Dada a falta de espaço, nos números seguintes daremos, resumidamente, a notícia dos resultados do primeiro plano quinquenal, em todos os seus aspectos: agricultura, saúde pública, situação material dos trabalhadores, etc.

Construindo um Mundo Novo

Por Stalin
Folheto de 32 páginas contendo os resultados do primeiro plano quinquenal.

1 Escrito
Pedidos aos comités
do Partido

TRABALHADORES: LEDE O «AVANTE!»

Órgão central
do Partido Comunista
Aparece a 1 de cada mês
LEDE «O PROLETARIO»

Órgão central da
Comissão Inter-Sindical
Aparece a 15 de cada mês

Das fábricas Vieira de Leiria

Na fábrica de Albano Tome Feiteira somos obrigados a trabalhar de 10 a 12 horas. Quando alguns se negam a trabalhar tanto chegam a ser espancados, como há dias sucedeu com um camarada por alculha o dez e dez, que foi morto, por um patrão, numa orrelha. A homens de 45 anos e mais são aplicadas castigos corporais.

As operárias são chamadas com frequência ao escritório, com um pretexto qualquer, e violentadas pelos patrões. Se, apesar da violência, não cecem, são despedidas. Assim procedem estes senhores que não falam a uma massa e são citados como modelos de virtude!

Por vezes têm sido despedidos operários a quem se fica a dever seis meses de salários!

Em junho de 1932 fizemos uma greve de protesto contra o desconto de dois por cento nos salários. Os patrões foram pedir Providências a Leiria.

Veio aqui uma força de cavalaria e prenderam alguns camaradas porque «professavam ideias avançadas». Porém, apesar das prisões e mercê da terrível situação que atravessamos, cada vez encontramos, por aqui, mais operários com «ideias avançadas»...

«Os comités de camponeses significam, para exprimir as coisas simplesmente, um convite para que todos os camponeses ajustem eles próprios as suas contas, sem perda de tempo e directamente, pelos meios energéticos, meios, com os funcionários e os grandes proprietários. Os comités de camponeses significam um apelo para que o povo, oprimito pelos restos de servidão e por um regime policial, varta esses vestígios do passado, pelos métodos plebeus, como dizia Marx»

LENINE

Lei no próximo número:

O BALANÇO DE 8 ANOS

DA FIRMA CARMONA, SA.

LAZAR, FERRO & COMP.